

Quem me dera uma análise sintática para as expressões temporais fixas

I wish to hell I had a syntactic analysis of fixed temporal expressions

Paulo Ângelo Araújo-Adriano¹, Claudia Souza Coelho²

Universidade Estadual de Campinas, Brasil, Universidade de São Paulo, Brasil

RESUMO

Dentro de uma abordagem formal, há poucos estudos sobre o funcionamento das expressões idiomáticas no português brasileiro. Dentro desse contexto, o presente trabalho tenta reduzir tal carência, analisando algumas expressões fixas condicionadas a um determinado tempo verbal, como é o caso de *a Deus dará, será o Benedito, quem me dera* e *tomara*, para citar algumas. Acorados nos pressupostos da Morfologia Distribuída e argumentando contra a análise funcional de Fulgêncio (2008), mostramos que, apesar de tais expressões terem um significado não composicional especial, elas não precisam ser armazenadas no léxico como tal, uma vez que sua derivação ocorre como qualquer estrutura morfossintática do português brasileiro – sua interpretação “especial” é desencadeada por instruções contextuais presentes em um componente da arquitetura da gramática, a Enciclopédia. Adicionalmente, trazemos evidências independentes para nossa proposta que resvalam na aquisição de L1, L2 e em perspectivas diacrônicas do português brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE:

Expressões temporais fixas. Significado não composicional especial. Abordagem sintática formal.

ABSTRACT

Under a formal approach, there are few case-studies on the behavior of idioms in Brazilian Portuguese. In such a context, the present paper tries to fill this gap, by analyzing some frozen expressions in which a fixed verbal tense is mandatory, such as *a Deus dará* (lit. *to God will give*), *será o Benedito* (lit. *will be the Benedito*), *quem me dera* (lit. *who will give me*), *tomara* (lit. *had taken*), to mention a few. Assuming the background of Distributed Morphology and arguing against Fulgêncio's (2008) functional analysis, we show that, even though those expressions have a special non compositional meaning, they do not have to be stored in the lexicon as such, since their derivation occurs in the same fashion as any morphosyntactic structure of Brazilian Portuguese – their special interpretation is triggered by some contextual instruction present in a component of the grammar architecture assumed by Distributed Morphology, the Encyclopedia. Additionally, we provide independent evidence for our proposal based on facts of L1 and L2

Recebido em: 29/09/2021

Aceito em: 05/01/2022

¹ E-mail: angelopauloeua@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9884-0723> .

O presente trabalho foi realizado com apoio da FAPESP, Processo 2019/17443-9.

² E-mail: claudia.coelho@usp.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7845-5724>

O presente trabalho foi realizado com apoio da FAPESP, Processo 2020/05241-0.

acquisition, and the diachrony of Brazilian Portuguese.

KEYWORDS:

Fixed temporal expressions. Special noncompositional meaning. Syntactic Formal Approach.

1. Introdução

Na história do português brasileiro (doravante PB), é possível perceber que algumas formas verbais foram substituídas por outras. Um exemplo são as formas arcaicas do pretérito mais-que-perfeito e do futuro do presente (cf. COAN, 1997, 2003; OLIVEIRA, 2006; MARTINS, 2011; MARTINS; PAIVA, 2013; GONÇALVES, 2013; ARAÚJO-ADRIANO, 2019, 2020a, b). Embora tenham sido substituídas na fala por suas contrapartes perifrásticas, ambas deixaram alguns resquícios no sistema, comportando-se como expressões cristalizadas, fixas, como mostra (1).

(1)

- a. Se o João não conseguiu o emprego, que dirá eu! (≅ muito menos).
- b. Será que a Maria já viajou? (≅ dúvida).
- c. Tua vida está ao Deus dará! Muda de atitude, homem! (≅ bagunçada).
- d. Será o Benedito que não vamos ficar um dia sem brigar? (≅ incredulidade).
- e. Quem (me) dera eu pudesse tirar férias logo. (≅ desejo de que algo pudesse se realizar).
- f. Eles passaram mal... também pudera, exageraram na bebida. (≅ enfatiza algo já esperado).
- g. Tomara que eu consiga chegar cedo hoje. (≅ desejo de que algo se realize).

A despeito da sua constituição (morfo)fonológica, essas formas não correspondem à semântica do tempo superficialmente externalizado, já que, por exemplo, sua transposição para as formas perifrásticas que lhes tomaram o lugar não equivale ao seu significado: **que vai dizer*, **vai ser que*, **ao Deus vai dar*, **vai ser o Benedito*, **quem (me) tinha dado*, **também tinha podido* e **tinha tomado*, respectivamente em relação a (1). Assim, nessas expressões, o pretérito mais-que-perfeito não dispara uma interpretação de anterioridade a uma eventualidade no passado, da mesma forma que o futuro do presente não veicula uma interpretação de eventualidade que potencialmente se concretizará.

Assumimos neste trabalho os pressupostos da Morfologia Distribuída – MD (cf. HALLE; MARANTZ, 1993; HALLE; MARANTZ, 1994; MARANTZ, 1996; MARANTZ, 1997; HARLEY, 2014), em que palavras são geradas pelas mesmas operações sintáticas que geram sintagmas/sentenças; assim, o que se entende por palavra/sentença está distribuído por três listas: o *Léxico estrito* (Lista 1), o *Vocabulário* (Lista 2) e a *Enciclopédia* (Lista 3).

O presente artigo tem o objetivo de propor uma análise das formas fixas apresentadas

acima, demonstrando, em última instância, de que maneira são atribuídas leituras semanticamente distintas do seu tempo verbal. A hipótese que perseguimos, adotando Marantz (1996), é a de que a *Enciclopédia*, por atribuir significado a uma dada *v*raiz levando em consideração seu contexto sintático, interpreta *tomara*, por exemplo, combinado a um CP (*tomara que...*), a partir de uma regra contextual (necessária de ser adquirida). A instrução é a de que a raiz *v*tom no contexto (i) de um verbalizador *v*, (ii) do traço [+perfeito] e [+passado], e (iii) de um argumento interno CP recebe a interpretação de desejo do falante quanto ao conteúdo expresso por esse CP, conforme ilustrado por (2). O raciocínio é o mesmo para as outras formas fixas.

(2)

$v_{tom} \leftrightarrow \text{“desejo de que algo se realize”} / [[_] v^0 T [_{perfeito, passado}]] [_{CP que}]]$

Para alcançar o objetivo proposto, este texto está dividido da seguinte forma: na seção 1, traçamos um panorama sobre os tempos verbais obsoletos que mantêm nas formas fixas os seus resquícios de usos. Em seguida, apresentamos algumas propriedades e restrições dos contextos em que esses resquícios de formas sintéticas figuram (seção 2). Na seção 3, apresentamos nossa proposta explicativa para as formas fixas temporais, baseada na Morfologia Distribuída, fornecendo na seção 4 evidências independentes para a proposta. Por fim, fazemos algumas considerações finais.

1. A analiticização verbal do PB: o futuro do presente e o pretérito mais-que-perfeito

Muitos trabalhos de cunho diacrônico e sincrônico atestam que o PB perdeu uma série de pronomes, como o pronome *lhe*, o *se* da passiva, o *se* reflexivo, o pronome *o/a* acusativo, para citar alguns (cf. NUNES, 1990, 2007; GALVES, 2001; BITTENCOURT, 2009; TORRES MORAIS; BERLINCK, 2018; e trabalhos ali citados). Entretanto, alguns desses itens ainda fazem parte do sistema linguístico em meio a certas construções “congeladas”. O exemplo (3), a seguir, ilustra algumas formas que, apesar de não estarem (mais) presentes na gramática do falante de PB, ainda “sobrevivem” na língua em expressões fixas, como é o caso do pronome *lhe*, do clítico reflexivo e do clítico acusativo.

(3)

- a. Dá-lhe! (\cong Vença! Destrua! Arrase!)
- b. Cada um sabe onde lhe aperta o sapato.
- c. Acabou-se o que era doce.
- d. Vai à puta que o pariu!

Ainda sobre a história do PB, a literatura especializada tem mostrado que a flexão temporal dessa língua está em processo de analiticização, isto é, em caminhos de preferir formas verbais analíticas ou perifrásticas/compostas a formas sintéticas/simples, conforme se observa no Quadro 1 (cf. LONGO; CAMPOS, 2002; MARTINS; PAIVA, 2013; REINTGES; CYRINO, 2018; ARAÚJO-ADRIANO, 2019b, 2020a, b). A maioria desses trabalhos evidencia que, na presença de um tempo analítico, o tempo sintético é praticamente residual, promovendo a forma perifrástica como a forma categórica.

Quadro 1 - Paradigma da flexão verbal no PB

	<i>Tempo sintético</i>	<i>Tempo analítico</i>
<i>Presente</i>	Eu almoço	Eu estou almoçando Eu tenho almoçado
<i>Imperfeito</i>	Eu almoçava	Eu estava almoçando ³
<i>Futuro do presente</i>	Eu almoçarei	Eu vou almoçar
<i>Futuro do pretérito</i>	Eu almoçaria	Eu ia almoçar
<i>Pretérito mais-que-perfeito</i>	Eu almoçara	Eu tinha almoçado
<i>Pretérito simples</i>	Eu almocei	-
<i>Futuro perfeito</i>	Eu terei ⁴ almoçado	Eu vou ter almoçado

(adaptado de ARAÚJO-ADRIANO, 2020a)

Um desses tempos analiticizados é o pretérito mais-que-perfeito (doravante PMQP), cuja extinção já era atestada por Câmara Júnior (1970, p. 100) quando nota que esse tempo “é de rendimento mínimo na língua oral”, e, em seu lugar, “ou se emprega o pretérito perfeito, que não está formalmente marcado, como sucede com ele, ou se substitui por uma locução de participio com o verbo auxiliar *ter* no pretérito imperfeito.” (grifo adicionado). De fato, a exiguidade do PMQP é observada desde o século XVIII: até o século XVII (cf. Gráfico 1), veiculando passado do passado, a forma sintética desse tempo era amplamente utilizada com qualquer tipo de verbo, como se vê em (4).

(4)

- a. Espero em Noso Senhor que tudo aproveyte de maneira que ho xarife se allevante cõ muyto dano seu. Eu folgara muyto de vos mãdar lloguo vyr; porem, pollas cartas que me agora trouxe Vicente Reynell (...) (século XVI)
- b. Estes poucos me ocorreram à memória entre os muitos de que pudera fazer menção... (Fernandes Brandão, 43).
- c. ... e os outros príncipes se acharam descontentes, porque o Imperador lhe dera aquela honra sobre todos eles; e dissimulavam por lhe fazer a vontade (...) (Francisco de Moraes)
- d. Diabo: Como tardastes vós tanto? Onzeneiro: Mais quisera eu lá tardar... / Na safra do apanhar / me

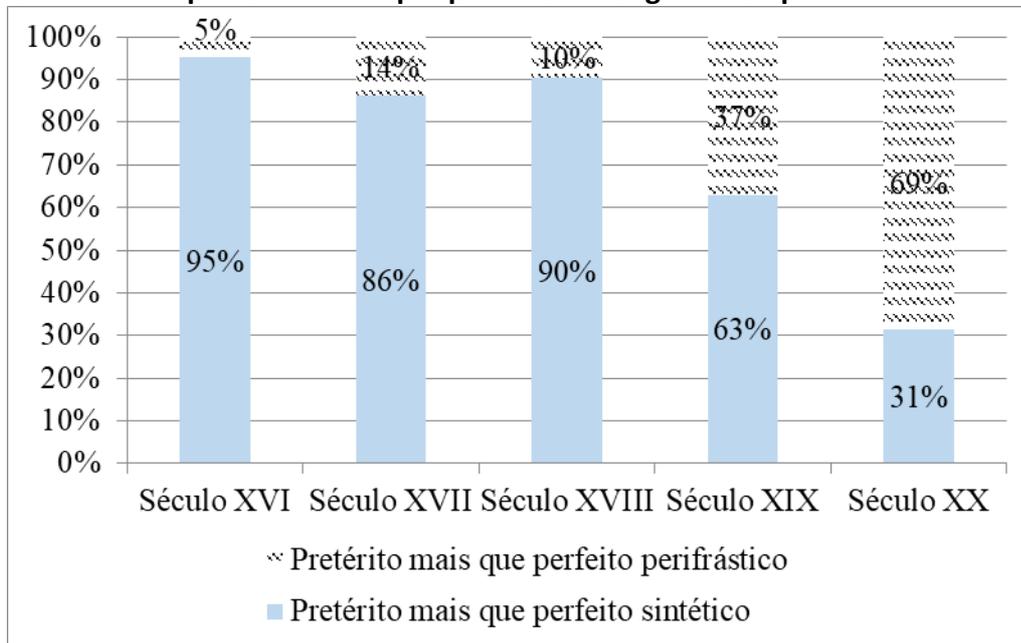
³ Na leitura progressiva, não habitual.

⁴ Embora em “terei almoçado” não estejamos diante de uma forma sintética especificamente, isto é, uma única base verbal, mas diante do auxiliar *ter*, damos atenção para sua contraparte mais analítica, devido à analiticização do futuro do presente, daí “vou ter almoçado” e não “terei almoçado”.

deu Saturno quebranto.

e. ... e sem duvida que muito mais guerras Haveria desde o anno de 1734 athe o presente como dantes Havia se V^a Mag.de não tomara o expediente de ordenar que não desse guerra alguma offensiva sem se lhe remeterem os votos dos Ministros da Junta em Carta fechada... (Autos da Devassa, 129).

Gráfico 1 – O pretérito mais-que-perfeito ao longo do tempo



(Fonte: adaptado de COAN, 2003, p. 178)

Mesmo o PMQP estando extinto veiculando tais nuances, resquícios desse tempo verbal ainda são notados, a partir do século XVIII, especificamente no século XX, restrito aos verbos *poder, dar e tomar* (cf. COAN, 1997, 2003; MARTINS, 2011; MARTINS; PAIVA, 2013). Alguns desses casos estão ilustrados em (5).

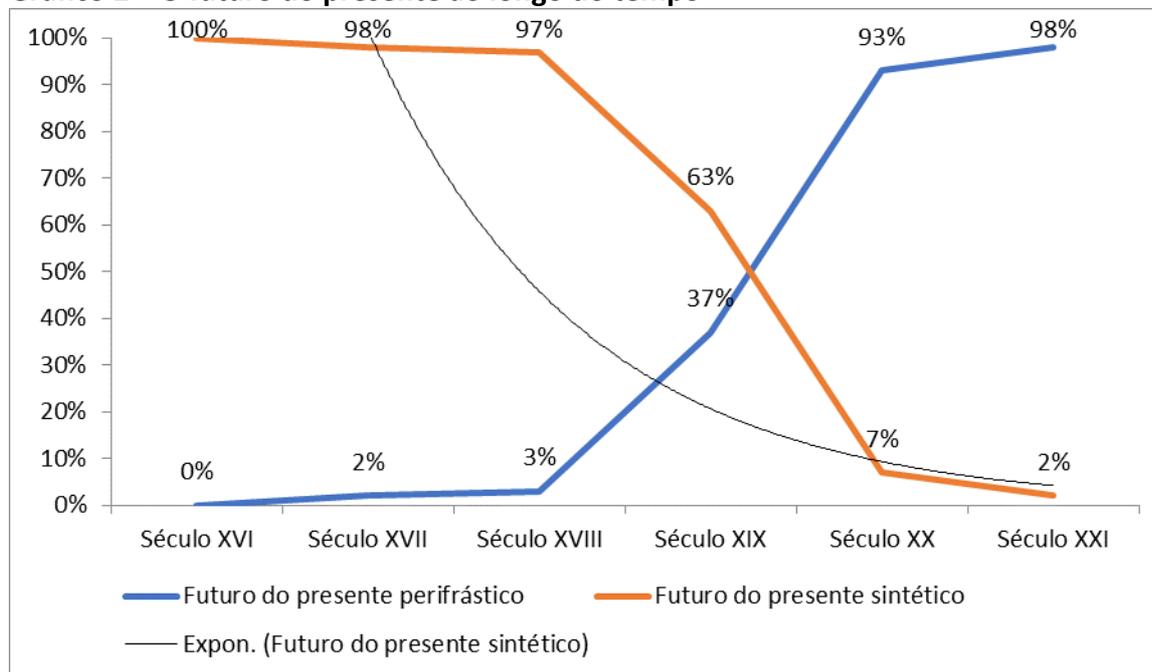
(5)

- a. Não começo por perguntar-lhe noticia de sua saude, porque pela ultima que me escreveo fiquei sabendo que está rijo como um cerne, fresco como uma alface, e alegre como um medico em tempo de epidemia. Tambem pudera não ser assim. O compadre passa um vidão, mora no meio da abundancia, sente o aroma das flores, e das arvores, bebe boa e cristalina agua.
- b. elle callou-se como preferindo pagar quadruplicadamente, e eu disse com os meus botões: ah, quem me dera ser guarda! (Cartas de leitores dos estados)
- c. Tomara agora, senhor Belomodo, que me explicásseis isto, que tenho visto, porque o não posso entender! (Nunes Pereira).

Outra forma verbal obsoleta no PB é o futuro do presente. Na fala, e até mesmo na escrita, tal tempo foi substituído pela forma perifrástica *ir + infinitivo* (OLIVEIRA, 2006; GONÇALVES, 2013; ARAÚJO-ADRIANO, 2019, 2020a,b). Segundo Araújo-Adriano (2019, 2020a,b), foi no fim do século XIX que os falantes de PB notadamente começaram a preferir a forma perifrástica à sintética (cf. (6) abaixo), de maneira a extinguir esta até os dias atuais. O decréscimo do futuro do presente

sinéptico pode ser evidenciado no gráfico a seguir.

Gráfico 2 – O futuro do presente ao longo do tempo



(Fonte: adaptado de ARAÚJO-ADRIANO, 2019)

(6)

- a. Meus Deus que será de mim? = vai ser (século XVII).
- b. Não a darei senão a mim, que eu daqui em diante hei-de ser o teu Periandro = vou dar (século XVIII).

O uso residual de futuro sintético atualmente (2%), evidenciado pelo Gráfico 2, não parece estar (amplamente) disponível para qualquer verbo. Araújo-Adriano (2019a, 2020b) mostra que, em relação à aquisição desses tempos, em 100% das ocorrências de futuro sintético – número absoluto pequeno –, o *input* ao qual a criança teve acesso era composto somente por expressões que não veiculam futuramente semanticamente, a despeito de sua constituição (morfo)fonológica (cf. (7)). Ou seja, além de o futuro sintético ser residual, o que ainda sobrevive na língua são expressões fixas, restritas e limitadas. Aqui, exploramos a hipótese de que, pela ausência de dados de futuro sintético no *input* ao qual a criança tem acesso, a criança não interpreta o morfema de futuro quando escuta “quererei” por exemplo. Na ausência de evidências ao contrário, vamos assumir que esse seja o caso.

(7)

- a. O que será que aconteceu?
- b. Cadê a Raquel, onde será que a Raquel está?
- c. Se ela que é rica parcelou em 10 vezes, que dirá eu.
- d. Chomsky, vá arrumar seu quarto! Aquilo lá está a Deus dará.
- e. Será o Benedito que não tem uma série boa nessa Netflix?

O que as considerações até aqui delineadas parecem mostrar é que a forma sintética tanto do PMQP quanto do futuro do presente perderam espaço ao longo do tempo, sobrevivendo apenas na escrita formal (ainda que muito residualmente). Assumindo, então, que o conhecimento do falante é composto por uma gramática nuclear, naturalmente adquirida e uma gramática periférica (cf. CHOMSKY, 1981), oriunda da formalização escolar e, às vezes, até considerada como uma segunda gramática/L2 (cf. KATO, 2005, 2013; MATTOS E SILVA, 2004), partimos da hipótese de que o que o falante de PB adquire, natural e inconscientemente, no que concerne ao passado do passado e ao futuro do presente, é a forma perifrástica. Por sua vez, a forma sintética, se adquirida, o é por meio da escolarização, sendo marcada na periferia. Assim, a gramática compartilhada pelos falantes só contém a primeira, mas não necessariamente a segunda:⁵

(8)

Língua-I = Gramática Nuclear + Gramática Periférica, em que,
 Gramática Nuclear = {{ir_{AUX.PRS} + VP_{INF}}, {ter_{AUX.PASS} + VP_{PRT}}...}
 Gramática Periférica = {{V_{FUT}}, {V_{PMQP}}...}

Em síntese, essa seção mostrou que o processo de analiticização verbal fez com que formas sintéticas fossem perdidas: *comera* e *comerei* deixaram de fazer parte da gramática nuclear do falante de PB, promovendo as formas *tinha comido* e *vou comer*, respectivamente. Entretanto, há ainda no sistema linguístico alguns resquícios desses tempos perdidos que mantêm vínculo com sua forma antiga tão somente em relação à sua constituição fonológica (e morfológica, como vamos propor), mas não semântica. Na próxima seção, exploramos essas expressões, quais sejam, *que dirá, será que, será o Benedito, ao Deus dará, quem (me) dera, pudera e tomara*, apresentando suas propriedades e restrições.

2. Sobre as formas temporais fixas

Argumentamos na seção anterior que, devido ao processo de analiticização verbal, o PB perdeu as formas sintéticas do PMQP e do futuro do presente, as quais foram substituídas pelas suas respectivas perífrases. Entretanto, resíduos das formas sintéticas ainda existem em formas fixas, retomadas em (9) abaixo. Observe-se que são formadas a partir de um número limitado de verbos: *dizer* (cf. (9a)), *ser* (cf. (9b-c)), *dar* (cf. (9d-e)), *poder* (cf. (9f)) e *tomar* (cf. (9g)).

⁵ As siglas usadas são as seguintes: AUX para auxiliar; PRS para presente, INF para infinitivo; PASS para passado; PRT para participio; FUT para futuro e, por fim, PMQP para pretérito mais-que-perfeito.

(9)

- a. Se o João não conseguiu o emprego, **que dirá** eu! (\cong muito menos).
- b. **Será que** a Maria já viajou? (\cong dúvida).
- c. **Será o Benedito** que está chovendo de novo? (\cong incredulidade)
- d. Chomsky, vá organizar teu quarto, aquilo está **ao Deus dará!** (\cong bagunçado)
- e. **Quem (me) dera** eu pudesse tirar férias logo. (\cong desejo de que algo pudesse se realizar).
- f. Eles passaram mal... também **pudera**, exageraram na bebida. (\cong enfatiza algo já esperado)
- g. **Tomara** que eu consiga chegar cedo hoje. (\cong desejo de que algo se realize).

As formas em (9), apesar de serem realizadas no futuro do presente (cf. (9a-d)) e PMQP (cf. (9e-g)), não possuem a semântica desses tempos verbais, como a descrição de seus significados em parênteses demonstra. Além disso, a versão sintética equivalente à da forma perifrástica é agramatical, isto é, são impossíveis:

(10)

- a. *Se o João não conseguiu o emprego, **que vai dizer** eu!
- b. ***Vai ser que** a Maria já viajou?
- c. ***Vai ser o Benedito** que está chovendo de novo!
- d. *Chomsky, vá organizar teu quarto, aquilo está **ao Deus vai dar!**
- e. ***Quem (me) tinha dado** eu pudesse tirar férias logo.
- f. *Eles passaram mal... também **tinha podido**, exageraram na bebida.
- g. ***Tinha tomado** que eu consiga chegar cedo hoje.

O paradigma em (10) também é uma evidência de que essas formas estão cristalizadas/fixas, pois apresentam-se necessariamente na morfologia (sintética) obsoleta do futuro e do PMPQ, e não permitem a substituição por suas respectivas perífrases, apesar de os verbos do PB admitirem ambas as formas.

Segundo a definição de Fulgêncio (2008), as formas em (9) são expressões fixas, pois são uma sequência recuperada da memória como um bloco, cujo agrupamento é convencional. A autora identifica seis tipos de expressões fixas: (i) expressões idiomáticas; (ii) colocações; (iii) expressões semanticamente transparentes, mas de estrutura morfossintática idiossincrática; (iv) fórmulas sociolinguísticas; (v) provérbios e (vi) expressões mistas. Para Fulgêncio (2008), as formas discutidas neste trabalho seriam do tipo (iii),⁶ pois, a despeito de sua semelhança com as formas verbais (3ª pessoa do singular de *dizer* e *ser* no futuro do indicativo, 3ª pessoa do singular de *dar* no futuro e no PMQP do indicativo, 3ª pessoa do singular de *poder* e *tomar* no PMQP do

⁶ Fulgêncio (2008) classifica as formas em questão como semanticamente transparentes, entretanto, não é clara quanto ao que isso quer dizer. Como discutiremos na seção 3, seguiremos Marantz (1996) e iremos contra Fulgêncio (2008) ao analisar essas formas como sendo instância de um significado não composicional especial, isto é, semanticamente não transparente.

indicativo), a pesquisadora argumenta que, em *quem (me) dera*, por exemplo, não existe o contexto de uma ação passada antes de outra, necessário para licenciar o uso do PMQP. Além disso, um verbo é marcado pela possibilidade de conjugação, o que não existe para as expressões em (9), como demonstrado em (11) e (12) abaixo.

(11)

- a. *Se o João não conseguiu o emprego, **que disse** eu!
- b. ***Seria que** a Maria já viajou?
- c. ***Seria o Benedito** que está chovendo de novo?
- d. *Chomsky, vá organizar teu quarto, aquilo está **ao Deus deu!**
- e. ***Quem (me) deu** eu pudesse tirar férias logo.
- f. *Eles passaram mal... também **pôde**, exageraram na bebida.
- g. ***Tomou** que eu consiga chegar cedo hoje.

(12)

- a. *Se o João não conseguiu o emprego, **que direi** eu!
- b. ***Serei que** eu ouvi direito a discussão da reunião?
- c. ***Serei o Benedito** que está chovendo de novo?
- d. *Chomsky, vá organizar teu quarto, aquilo está **ao Deus dei!**
- e. ***Quem (me) deram** vocês pudessem tirar férias logo.
- f. *Eles passaram mal... também **puderam**, exageraram na bebida.
- g. ***Tomaram** que eles consigam chegar cedo hoje.

O paradigma (12) parece mostrar que, quer estejam concordando com o DP que as acompanham (no caso de (9c-e)), com algum elemento nulo, quer apresentando uma concordância *default* (no caso de (9a-b) e (9f-g)), as formas fixas só podem ser realizadas na 3ª pessoa do singular. Assim, apesar de se constituírem morfofonologicamente como verbos, essas formas violam a própria definição de verbo e suas condições de uso, desrespeitando padrões morfossintáticos como a possibilidade de flexão (cf. (11)) e concordância (cf. (12)).⁷

Fulgêncio (2008) aponta que sua análise para as expressões fixas em (9) cria problemas teóricos para a definição de classes gramaticais, uma vez que, para a autora, essas seriam formas supostamente verbais que não se comportam totalmente como verbos. Além disso, essas supostas formas verbais estão congeladas em tempos em desuso no PB atual, indicação de que não sofreram a variação sofrida pela língua e, portanto, cristalizaram-se como tal. A pesquisadora argumenta que o fato de a variação não atingir essas expressões corrobora a ideia de que são

⁷ Como mencionado, em *Será o Benedito*, *ao Deus dará* e *Quem (me) dera*, os verbos presumivelmente concordam com os DPs que são seus sujeitos. A despeito disso, argumentamos que essas formas verbais estão cristalizadas como as demais em (9), visto que também não podem ocorrer na forma perifrástica, tampouco apresentar conjugação de tempo, como demonstrado em (11) e (12).

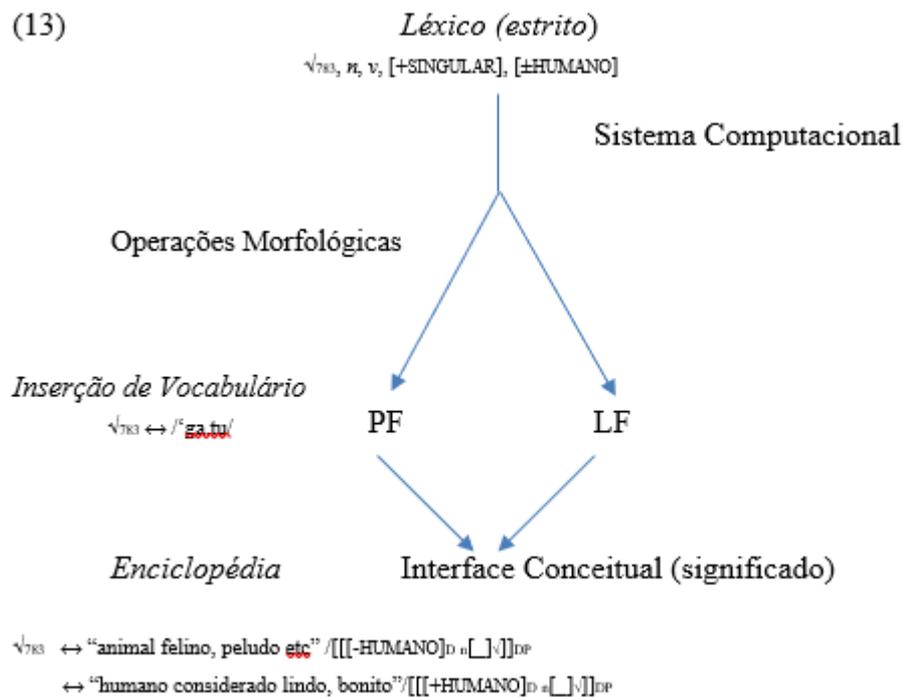
identificadas em bloco, como uma unidade não composicional, e conclui que essas expressões desobedecem a padrões sintáticos dos verbos do PB, falseando a hipótese de que expressões fixas obedecem ao padrão estrutural formal da língua (cf. MARANTZ, 1996, 1997; MCGINNIS, 2002, entre outros).

Neste trabalho, almejamos demonstrar que, assumindo os pressupostos da MD – especificamente Marantz (1996) – e a discussão feita na seção 1, é possível derivar as formas em (9) e seu significado não composicional sem recorrer à assunção de que há algo de transgressor em sua derivação ou de que são armazenadas em bloco.

3. Uma proposta explicativa

Marantz (1997) formaliza a existência e a constituição da Lista 1, Lista 2 e Lista 3 no quadro teórico da MD, às quais chama de *Léxico* (puro), *Vocabulário* e *Enciclopédia*, respectivamente, como já mencionado. A proposta é que as propriedades do “item lexical” das teorias lexicalistas estão, na verdade, *distribuídas* por essas listas. O *Léxico* (puro) contém o conjunto de traços, raízes relevantes para o sistema computacional, que servem como *input* para o seu funcionamento. Para Marantz, (1997) esses elementos do sistema são desprovidos de qualquer fonologia ou semântica irrelevantes para a derivação. As raízes, nessa esteira, a despeito de não apresentarem conteúdo fonológico tampouco semântico, são identificadas por meio de índices (cf. ACQUAVIVA, 2008; HARLEY, 2014). Assim, na Lista 1, as raízes seriam anotadas como v_{23} , v_{1891} , por exemplo. O *Vocabulário* contém o que, na MD, aproxima-se mais da noção tradicional de morfema: as unidades mínimas de conexão entre som (PF – forma fonológica, do inglês *Phonological Form*) e “significado” (os traços contidos no nó terminal em que essa unidade é inserida). É nessa Lista 2 que as raízes, concatenadas a outros elementos, como categorizadores, recebem instruções para serem realizadas fonologicamente: $v_{23} \leftrightarrow / 'o.ku.lus/$. Por fim, a *Enciclopédia*, a mais relevante para a discussão deste artigo, contém a lista de conexões entre os nós terminais da derivação e os significados irrelevantes para o sistema computacional. Ou seja, *gato* (de $v_{GAT} = v_{783}$) e *cachorro* (de $v_{CACHORR} = v_{15}$) são duas unidades indistinguíveis para o sistema computacional, já que a computação acessa apenas informações como “nome animado e contável”, por exemplo. É na *Enciclopédia* que o conhecimento de mundo atribui a *gato* seu significado animalesco: $v_{783} \leftrightarrow$ “felino, peludo, arisco etc.” – informações sem efeito no sistema computacional, mas que distinguem *gato* de *cachorro*. Em (13) abaixo, adaptado de Siddiqi (2009), apresentamos a arquitetura da gramática proveniente

dessas assunções.⁸



Marantz (1996) propõe que qualquer escolha de traços para uma derivação, de combinação entre dois elementos específicos ao invés de outros ou de um item de Vocabulário que não seja acarretada pelo curso da derivação está sujeita à interpretação semântica, feita em conjunto com a Enciclopédia. Por exemplo, caso a raiz \sqrt{GAT} ⁹ seja concatenada no curso da derivação com um elemento [+HUMANO], a leitura atribuída deixa de ser a de um “animal felino” e passa a ser a de “humano considerado lindo, bonito”, como em *Eu tenho um namorado*_[+HUMANO] *gato*. Dessa forma, não é apenas a LF (forma lógica, do inglês, *Logical Form*) o *input* para tal interpretação, mas toda a derivação e suas escolhas não forçadas – Inserção de Vocabulário da raiz. Marantz (1996) defende que a sintaxe é a única forma de gerar significados composicionais, ou seja, os significados da combinação de certos elementos de determinadas formas. Assim, a Enciclopédia contém os significados não composicionais dos elementos (a informação de que um *gato* é um animal etc.), os quais podem ser condicionados pelo contexto sintático em que esse elemento se encontra.

⁸ Ressaltamos dois aspectos em relação a (13): Marantz diz explicitamente que “In departure from other diagrams of DM, I have left out any box or level for Morphology (or Morphological Structure) *per se*.” (p. 13) e assume que a Morfologia pode ser vista como parte da Fonologia; a despeito da separação entre PF e LF, Marantz reconhece que a Inserção Tardia acarreta que “the phonological representation, specifically the choice of Vocabulary items, must also be input to semantic interpretation” (p. 17). Entretanto, essas discussões vão além do escopo deste trabalho.

⁹ A partir de agora vamos representar raízes sem índices, já com seu conteúdo fonológico, para facilitar a exposição, apesar de adotarmos um modelo em que as raízes só recebem fonologia tardiamente, na Lista 2.

Nesse cenário, as expressões idiomáticas seriam o caso extremo de significados não composicionais condicionados contextualmente – significados a que Marantz (1996) chama de não composicionais *especiais*, quando um contexto listado na Enciclopédia “desbota” o efeito semântico canônico da escolha de um item de Vocabulário.

Contra Jackendoff (1994), Marantz (1996) argumenta que expressões idiomáticas não criam significados composicionais especiais. Ou seja, em *bater as botas*, por exemplo, não é o caso que interpretamos o sujeito (*o João*, por exemplo) como objeto e o objeto (*as botas*) como sujeito – o que constituiria um significado composicional especial. O que acontece nessas expressões é que o significado não composicional canônico de *bater* como *agredir, golpear, atingir certo ponto, vir ou ir de encontro a algo ou alguém, chocar* etc., é preterido em favor do significado não composicional que esse elemento adquire no contexto de *as botas*.¹⁰ Assim, na Enciclopédia, haveria múltiplas instruções para a raiz $\sqrt{\text{BAT}}$, uma contextualmente dependente e outra funcionando como uma leitura para todos os outros contextos, *elsewhere* (para uma discussão sobre a noção de *elsewhere*, cf. HARLEY, 2014, p. 245-247):¹¹

- (14) $\sqrt{\text{BAT}}$ \leftrightarrow “morrer” / [[$__$]_v v^o] [DP *as botas*]]
 \leftrightarrow “agredir, golpear, colidir...” *elsewhere*

Por fim, Marantz (1996) ressalta que a Enciclopédia diz respeito apenas a questões não composicionais de uma estrutura. No exemplo *bater as botas*, mantém-se a leitura completiva associada a um verbo transitivo combinado com seu objeto direto e as restrições associadas a essa estrutura. Assim, apesar de ser possível dizer “Já fazia meses que o João estava morrendo”, não é possível dizer “*Já fazia meses que o João estava batendo as botas” (cf. MCGINNIS, 2002 para uma discussão detalhada sobre o comportamento aspectual de expressões idiomáticas).

Tendo em vista os aspectos destacados acima, propomos que as formas verbais fixas apresentadas na seção anterior são derivadas como qualquer outra estrutura verbal do PB, mas são casos de significados não composicionais especiais, disparados pelo seu contexto sintático e atribuídos pela Enciclopédia. Antes de formalizar essa análise, porém, explicitamos nossos demais

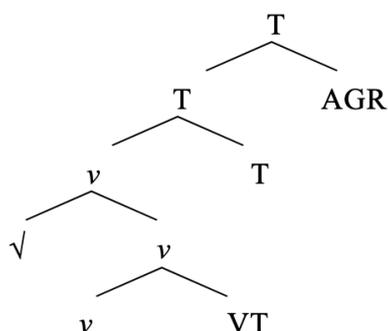
¹⁰ Assim como o significado não composicional canônico de *botas* como *calçado, vestimenta para os pés* etc. é preterido em favor do significado não composicional que esse elemento adquire no contexto de *bater*.

¹¹ Que é possível interpretar *bater as botas* no seu sentido canônico, isto é, como *chocar uma bota na outra* (cf. *João bateu as botas assim que pisou na lama*) é fato. Uma questão a ser respondida é como/quando a Enciclopédia interpreta uma estrutura com um significado não composicional especial ou não composicional não especial. Sob nossa argumentação, um falante que não adquire certa expressão certamente vai atribuir apenas um significado não composicional canônico, ao pé da letra, já que não adquiriu o pareamento de uma estrutura a um significado não composicional especial na Enciclopédia. Mas como são desencadeadas as leituras idiomáticas ou as leituras literais das sequências relevantes é uma questão que qualquer teoria lidando com idiomaticidade deve responder e vai além do escopo deste trabalho.

pressupostos.

Um verbo flexionado, não vindo do léxico como tal, é o resultado de operações sintáticas entre raízes v , categorizadores e núcleos tempo-aspecto-modais. A categoria *nome* ou *verbo* é definida pelo tipo de categoria que c-comanda essa v raiz: um nominalizador n ou um verbalizador v , seguindo Marantz (1997). Dentro dos trabalhos sobre verbos na MD, assumimos adicionalmente dois requerimentos de boa formação morfológica: a inserção pós-sintática do nó de concordância – AGR (cf. EMBICK; NOYER, 2006), e do nó de vogal temática – VT (cf. OLTRA-MASSUET, 1999; OLTRA-MASSUET; ARREGI, 2005). Dito isso, assumimos a estrutura do nó verbal dada em (15), no componente pós-sintático.

(15)



Para derivar o futuro do presente e o PMQP, o pareamento dos traços com a fonologia na Lista 2 é feito pelo conjunto de itens de Vocabulário em (16). Vale notar que alguns trabalhos já discutiram e propuseram diferentes itens de vocabulário para derivar a flexão verbal do PB (cf. BASSANI; LUNGUINHO, 2011; SANTANA, 2019; RESENDE, 2020, entre outros), porém, para o propósito do nosso trabalho, os itens apresentados em (16) são suficientes. Independentemente da linha que se siga, a implementação para as formas fixas de tempo analisadas aqui deve ser acomodada.

(16) Itens de Vocabulário

/a/ ↔ cl₁

/e/ ↔ cl₂

/r/ ↔ FUTURO

/ra/ ↔ PERFEITO, PASSADO

/a/ ↔ 3P

A derivação de *pudera*, *dera* e *tomara* começa com a inserção, respectivamente, da raiz

$\sqrt{\text{POD}}$ (para *poder*), $\sqrt{\text{D}}$ (para *dar*), $\sqrt{\text{TOM}}$ (para *tomar*) que se concatena a um categorizador *v*.¹² Adaptando a análise de Ippolito (1999) para o PMQP sintético, propomos que o núcleo de ASPECTO com o traço [PERF] e o núcleo de TEMPO com o traço [PASSADO] estão albergados conjuntamente no núcleo da categoria funcional de T(empo), assim como os traços de MODO (cf. BASSANI; LUNGUINHO, 2011; SANTANA 2016).¹³ Para Ippolito (1999), o traço perfeito [PERF] indica que o tempo do *evento* precede o tempo da *referência* e o traço passado [PASS] indica que a *referência* precede o tempo da *enunciação*. Essa combinação resulta no que conhecemos como MAIS-QUE-PERFEITO.

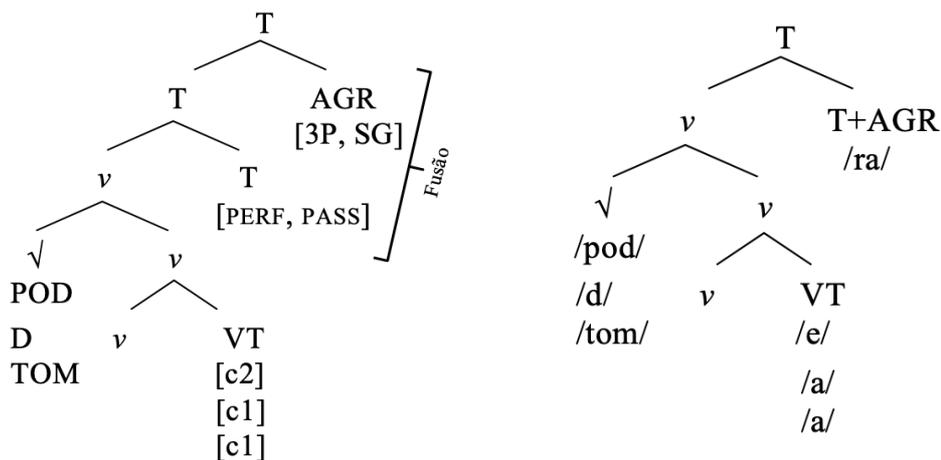
Em seguida, a estrutura é enviada para o componente pós-sintático e, pela condição de boa formação morfológica do PB, os nós de VT e AGR são também inseridos, qualquer que seja o desencadeador dos traços de 3ª pessoa do singular em AGR: a concordância com um CP, com um DP (nulo ou pleno), ou uma concordância *default* (cf. a discussão na seção 2). Assumimos também que há uma operação de Fusão entre os nós de T e de AGR, resultando em um nó com os traços [PERF, PASS, 3P, SG]. É na Lista 2 que haverá pareamento dos itens de Vocabulário em (16) com seus respectivos traços, sendo que o item /ra/, especificado como [PERF, PASS], é inserido no nó fundido T+AGR, gerando as formas *pudera*, *dera* e *tomara*. A seguir, há a representação da estrutura gerada pela sintaxe (cf. (17a)) e a estrutura após o pareamento dos traços, com o conteúdo fonológico (cf. (17b)).

(17) a.

b.

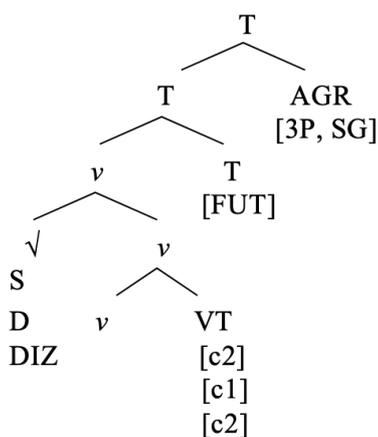
¹² Uma regra de reajuste fonológico deve ser a responsável por transformar $\sqrt{\text{POD}}$ em *pud(era)* e $\sqrt{\text{DAR}}$ em *der(a)*, como também pelo apagamento de [ze] em $\sqrt{\text{DIZ(E)}}$ (cf. (18b)) quando esse segmento se realizaria em *di(ze)r(a)*.

¹³ Levantamos a hipótese de que a mudança ocorrida no PB para substituir o uso do PMQP sintético pelo composto foi a separação dos traços [PERF] e [PASS], albergados agora em dois núcleos separados que recebem diferentes itens de Vocabulário, como proposto por Ippolito (1999): um para o auxiliar *ter* e outro para o particípio. Essa mudança parece não ter afetado as formas fixas analisadas aqui, pois como vimos em (10), não ocorrem no PMQP composto. Assim, elas se tornaram congeladas com a morfologia obsoleta, tendo na sua derivação os traços de MQP albergados no mesmo núcleo. Nota-se que essa é a proposta para o PMQP composto de Medeiros (2008), que também assume Ippolito (1999): segundo o autor, *tinha* é realizado com traços de tempo [PASS] e o /d/ do particípio é realizado com traços aspectuais [PERF].

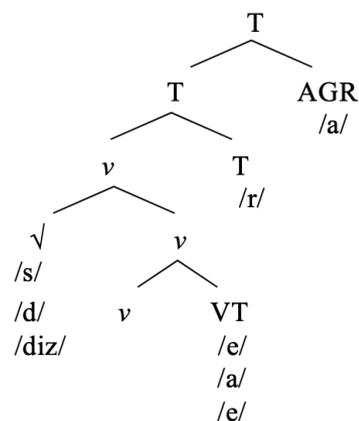


Por sua vez, a derivação de *será* (em *será que* e *será o Benedito*), *dará* (em *ao Deus dará*) e *dirá* (*que dirá*) começa com a concatenação da raiz *vs* (para *ser*), *vd* (para *dar*), *vdiz* (para *dirá*) com um categorizador *v*. No próximo passo, o traço [FUT] projeta o núcleo T, enviando para o componente pós-sintático a estrutura em (18a). O nó de AGR apresenta os traços [3P, SG] em todos os casos, graças às possibilidades discutidas acima para (17). Com a inserção do nó VT, os itens de Vocabulário para classe são pareados.

(18) a.



b.



Como já mencionado, seguindo Marantz (1996), propomos que as raízes das formas derivadas acima recebem um significado não composicional especial disparado pelo contexto sintático em que estão, detalhados em (19) abaixo.

(19)

- a. $\sqrt{D} \leftrightarrow$ “desejo de que algo pudesse se realizar” / [[___]_v \sqrt{D} [_{PERF, PASS}]T] ([_{DP} me]) [_{DP} quem]]¹⁴
 \leftrightarrow “abandonado, desorganizado” / [[___]_v \sqrt{D} [_{FUT}]T] [PP ao Deus]]
- b. $\sqrt{POD} \leftrightarrow$ “ênfase em algo já esperado” / [[___]_v \sqrt{D} [_{PERF, PASS}]T] ([_{ADVP} também]]]
 $\sqrt{TOM} \leftrightarrow$ “desejo de que algo se realize” / [[___]_v \sqrt{D} [_{PERF, PASS}]T] [CP que]]¹⁵
- d. $\sqrt{S} \leftrightarrow$ “expressão de dúvida” / [[___]_v \sqrt{D} [_{FUT}]T] [CP que...]]
 \leftrightarrow “incredulidade” / [[___]_v \sqrt{D} [_{FUT}]T] [_{DP} o Benedito]]
- e. $\sqrt{DIZ} \leftrightarrow$ “muito menos/quanto mais” / [[___]_v \sqrt{D} [_{FUT}]T] [_{XP} que...][_{DP} eu/a Maria]]

Tomando como exemplo (19a), a Enciclopédia interpreta a raiz \sqrt{D} no contexto verbal com os traços do [PERF, PASS], acompanhada do DP *quem*, como desejo de que algo pudesse se realizar. E é exatamente isso que *quem (me) dera* significa.¹⁶

A partir da regra contextual em (19), a Enciclopédia recebe a instrução de que as raízes no contexto especificado disparam um significado não composicional especial, ao invés dos seus significados não composicionais canônicos, sejam quais forem esses significados. No caso da raiz \sqrt{DIZ} , por exemplo, o significado *elsewhere* é preterido em favor do significado contextual adquirido pela raiz no contexto especificado.

- (20) $\sqrt{DIZ} \leftrightarrow$ “muito menos/quanto mais” / [[___]_v \sqrt{D} [_{FUT}]T] [_{XP} que...][_{DP} eu/a Maria]]
 \leftrightarrow “falar, vocalizar” *elsewhere*

Um aspecto que deve ser ressaltado na nossa proposta é que a morfologia obsoleta dessas formas (a forma sintética do futuro do presente e do PMQP) está relacionada ao fato de terem se tornado fixas e agora dispararem significados (não composicionais) especiais, pois nossa hipótese é que essas expressões teriam surgido quando as formas sintéticas ainda eram produtivas (até meados do século XIX) e, com o passar do tempo, tornaram-se formas fixas que mantêm resquícios

¹⁴ Como consequência da análise proposta aqui, a Enciclopédia também apresenta entradas independentes para os itens *quem*, *também*, *Benedito* e *Deus* que indicam a substituição do significado não composicional canônico pelo especial quando essas raízes estão no contexto de *dirá*, *pudera*, *será* e *dará*, respectivamente.

¹⁵ Tanto *será* como *tomara* podem ocorrer sozinhos na sentença, como se vê em (i) e (ii) abaixo.

- (i) a. – Acho que a Maria vai chegar mais cedo.
b. – **Tomara!**
- (ii) a. – A Maria vem hoje.
b. – **Será?**

Propomos que, mesmo quando essas formas aparecem sozinhas, a estrutura enviada para a Enciclopédia é $\sqrt{TOM} + CP$ e $\sqrt{S} + CP$, porém, nesses casos, houve elipse do CP complemento desses verbos, como demonstramos abaixo.

- (iii) Tomara [_{CP} ~~que a Maria chegue mais cedo~~]!
(iv) Será [_{CP} ~~que a Maria vem hoje~~]?

¹⁶ Assim, o significado especial das raízes depende de sua combinação com elementos além de *v* (os traços [FUT], [PERF] e [PASS], albergados em T). Dessa forma, nossa análise, *prima facie*, parece ir contra Marantz (1997), que propõe a existência de fronteiras para o disparo de significados especiais, sendo a camada de *v* uma dessas fronteiras. Entretanto, pontuamos que, ao menos no caso de *quem (me) dera* e *ao Deus dará*, é inevitável ultrapassar essa fronteira, pois os DPs *quem* e *o Deus* são parte do contexto responsável pelo significado especial de *dera* e *dará* e são argumentos externos desses verbos. Além disso, como demonstrado por Harwood (2015) no caso de expressões congeladas no progressivo, a fronteira de *v* pode ser ultrapassada no caso de morfemas funcionais (de aspecto, tempo, modo...).

da morfologia agora obsoleta. Isso não quer dizer que morfologias “ainda vivas” na língua não possam fazer parte de expressões com significados não composicionais especiais, como é o caso de, por exemplo “chegou, chegando”, “valeu” e “vai ver (que)”. A correlação entre morfologia obsoleta e significado especial não é uma condição necessária para todas as formas fixas, é nossa proposta especificamente para as que estão sob análise – e talvez também ocorra em outras formas cuja morfologia é obsoleta.

A história dessas expressões, ainda que dificilmente recuperada com certa precisão e acurácia, sugere que os verbos nelas presentes eram de fato semanticamente transparentes quando sua morfologia era produtiva. Dias (2007, p. 13) resgata duas possíveis origens para “a Deus dará”, que hoje dispara uma leitura de “ao abandono”, “ao acaso”, “à toa”, “à aventura”¹⁷, “estar entregue à própria sorte”, em que, em ambas, a expressão era usada para amenizar a ausência de ajuda, confortando quem seria assistido com um “Deus dará”, isto é, *eu não vou te dar ajuda, mas fique tranquilo, porque Deus dará*:

A primeira segundo Guilherme Augusto Simões (in Dicionário de Expressões Populares Portuguesas, ed. Perspectivas & Realidades, Lisboa) a frase tem a seguinte explicação: “(...) ao pedido de esmola que os mendigos antigamente faziam – “Uma esmolinha, por amor de Deus” –, obtinham a resposta, daqueles que nada queriam dar, “Deus dará”, e assim quem andava a mendigar andava ao “Deus dará””. A segunda explicação é dada por Reinaldo Pimenta (in A Casa da Maria Joana (curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas), 1.º vol., Editora Campus, Rio de Janeiro), segundo Pimenta, “ao deus-dará” terá tido origem no Brasil, no século XVII, no Recife mais propriamente, ainda sob o domínio da coroa portuguesa: “Vivia [aí] um comerciante chamado Manuel Álvares, que ajudava os soldados que a Fazenda Real deixava abastecer. Quando ele não dispunha das mercadorias necessárias, dizia sempre “Deus dará!”. De tanto repetir a frase, ficou conhecido como Manuel Álvares Deus Dará. E os soldados, quando precisavam de recorrer a ele, diziam: “Vamos ao Deus Dará.”

Como propusemos nesta seção, não existe nada na derivação dessas expressões temporais fixas que fugiria das regras sintáticas do PB (cf. seção 2). Adotando os pressupostos da MD, não é necessário recorrer à premissa de um armazenamento em bloco em um léxico, como faz Fulgêncio (2008), pois as derivações em (17) e (18) são da mesma ordem que qualquer outra derivação de forma verbal na língua. O estatuto especial da sua interpretação é dado apenas a partir dos contextos específicos definidos na Enciclopédia. Na próxima seção, apresentamos algumas evidências da aquisição de L1 e L2 que estão em conformidade com o que foi proposto até aqui.

4. Algumas evidências independentes

¹⁷ <https://www.lexico.pt/deus-dara/>

Na seção 1, mostramos que, ao longo do tempo, o PB perdeu formas sintéticas do PMQP e do futuro do presente, o que significa dizer que essas formas não fazem mais parte da língua na contemporaneidade. Por esses motivos, levantamos a hipótese, também na seção 1, de que tanto a morfologia de PMQP quanto de futuro do presente não fazem parte da gramática interna da criança, mas quiçá da sua gramática periférica (cf. (8), repetido aqui em (21)).

(21)

Língua-I = Gramática Nuclear + Gramática Periférica, em que,

Gramática Nuclear = {{ir_{AUX.PRS} + VP_{INF}}, {ter_{AUX.PASS} + VP_{PRT}}...}

Gramática Periférica = {{V_{FUT}}, {V_{PMQP}}...}

Dado que o futuro sintético não faz mais parte da gramática nuclear do falante de PB, investigou-se em Araújo-Adriano (2019a, 2020b) como ocorre o processo de aquisição das expressões de futuridade. Os estudos revelam que, como esperado, a expressão de futuridade adquirida de forma espontânea e natural pela criança é a perifrástica. Os resultados desses estudos também mostram que, apesar de não terem sido produzidos pelas crianças, os únicos dados de futuro sintético do *input* aos quais tiveram acesso são justamente de expressões fixas que não expressam futuridade (cf. (7)), mas também (22)). Ou seja, as únicas formas sintéticas que as crianças ouviram foram de expressões fixas. Adicionalmente, ainda que muito residual, a produção de futuro sintético pelo falante é proporcional ao seu nível de escolarização, – reforçando ainda mais a tese em (21).

(22)

a. (Criança com 03 anos e 06 meses – *Corpus* CEAAL/PUCRS)

Adulto: Que que ela tem pra tomar remédio?

Criança: Ela tá doente, com gripe.

Adulto: Tá doente com gripe? Ah, **será que** ela pegou chuva?

Criança: Não sei.

b. (Criança com 02 anos e 08 meses – *Corpus* CEDAE/Unicamp)

Adulto: Ai meu deus, **será o Benedito**, será que hoje é o dia?

Partindo da hipótese de que a criança não adquire naturalmente a forma sintética, Araújo-Adriano (2020b) questiona de que maneira tal forma aparece (mesmo que de maneira residual) em textos escritos formais. O autor sugere que, ao lado da gramática nuclear, estruturada pela perífrase (cf. (21)), o falante de PB possui o futuro sintético na sua gramática periférica, aprendido a partir da escolarização, como fruto da pressão normativa de a gramática escolar assemelhar-se à gramática dos séculos XVIII e XIX (pressão já explorada por outros autores – cf. KATO, CYRINO; CORREA, 2009), época em que o futuro do presente sintético era altamente produtivo. Os

resultados sugerem que a criança chega à escola sem produção de forma sintética e, quanto mais escolarizada se torna, mais essas formas sintéticas emergem (cf. Tabela 1).

Tabela 1 – Dados sincrônicos e diacrônicos das expressões de futuridade

SINCRÔNICOS			DIACRÔNICOS		
<i>Escolaridade</i>	<i>Ir + infinitivo</i>	<i>Sintética</i>	<i>Séc.</i>	<i>Ir + infinitivo</i>	<i>Sintética</i>
Pré-escola ¹⁸	100%	0%	18	3%	97%
1 ^a -4 ^a	98%	2%	19	37%	63%
5 ^a	83%	17%	20	93%	7%
6 ^a	67%	33%	21	98%	2%
7 ^a	89%	11%			
8 ^a	67%	33%			
Acadêmicos	13%	87%			

(Adaptado de ARAÚJO-ADRIANO, 2020b)

No que diz respeito ao PMQP, por não haver evidência positiva suficiente dessa forma no *input* ao qual a criança tem acesso, não seria surpreendente se a criança não adquirisse naturalmente esse tempo verbal, mas, ao contrário, adquirisse sua contraparte perifrástica. Coan (2003), por exemplo, reporta dados de fala de crianças entre 05 a 14 anos¹⁹ e entrevistas com 36 informantes entre 15 a mais de 50 anos²⁰ (de variadas escolaridades). Categoricamente, a autora não atesta PMQP sintético nos seus resultados, somente a forma *ter* + participio, veiculando passado do passado (cf. Tabela 2).

Tabela 2 – Ocorrências (de fala) com pretérito mais-que-perfeito

<i>Faixa etária</i>	<i>PMQP sintético (e.g. comera)</i>	<i>PMQP perifrástico (e.g. tinha comido)</i>
05-06 anos	0	0
07-14 anos	0	33
15-24 anos	0	29
25-49 anos	0	78
+ 50 anos	0	34

(Fonte: adaptado de COAN, 2003, p. 146)

Esses resultados favoreceriam a hipótese de que na gramática nuclear da criança adquirindo PB, somente a perífrase *ter* + *participio* estaria presente, mas não sua forma sintética.

¹⁸ Os dados “Pré-escola” referem-se à aquisição natural e espontânea da expressão de futuridade, investigados nos corpora CEDAE/Unicamp e CEAAL/PUCRS. Todos os outros dados desta coluna são dados de escrita (cf. ARAÚJO-ADRIANO, 2019a, 2020b).

¹⁹ Projeto Entrevistas sociolinguísticas da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

²⁰ Dados oriundos do Projeto VARSUL.

Esta seria inserida apenas via escolarização para compor a gramática periférica dos falantes de PB, conforme sugerido em (21).

O que esses dados de aquisição sugerem, então, é que o futuro sintético e o PMQP sintético não fazem mais parte da gramática nuclear do falante de PB. Dada essa ausência de produtividade, as únicas formas temporais ainda presentes são as expressões fixas que disparam uma leitura que não a temporal. Isso quer dizer que os falantes, quando expostos a qualquer expressão com a morfologia sintética do PMQP ou do futuro do presente, associam-na a alguma regra contextual em (19). Caso essa regra não seja adquirida, a hipótese é que o falante (não letrado), em um primeiro momento, não atribuiria significado temporal a *será* em *será o Benedito*, nem de *incredulidade*, tampouco uma leitura sinônima de *vai ser* (mas talvez apenas o significado relacionado à *vs*). Da mesma forma, o falante que nutriu sua gramática periférica no processo de escolarização, mas que, por alguma razão, não adquiriu (19), compreenderia *será o Benedito* como *vai ser o Benedito*, sem atribuir à estrutura um significado de *incredulidade*, já que não há na sua Enciclopédia (Lista 3) a instrução contextual de (19) específica. A necessidade de adquirir essas regras contextuais parece ficar patente quando, em diversas vezes, há “desentendimento” entre falantes. A figura a seguir ilustra esse caso, em que *morrer de rir* dispara uma leitura não composicional especial de *gargalhou intensamente*, porém a pessoa pareceu *morrer* no contexto de *rir* com uma leitura não composicional canônica (provavelmente uma leitura *elsewhere* para *morrer*, sinônima de *falecer*). Nesse caso, ou o comentarista não adquiriu o pareamento esperado da leitura não composicional especial, ou processou a estrutura preterindo tal leitura, atribuindo apenas o significado não composicional canônico.

Figura 1 – Exemplo de leitura não composicional canônica de uma estrutura com leitura não composicional especial (Fonte: rede social Facebook)



O cenário desenhado para a aquisição de L1 seria muito parecido com o da aquisição de L2.

Quando diante de uma expressão idiomática em geral, aprendizes de língua estrangeira percorrem três estratégias: (i) traduzem-na literalmente para a sua L1, (ii) acessam seu significado literal na L2 e tentam fazer sentido desse significado, ou (iii) tentam acessar um significado figurado (cf. MATLOCK; HEREDIA, 2002). Mello (2015), investigando a compreensão de expressões idiomáticas, relata que um falante de espanhol adquirindo o PB como L2 atribuiu a *ser uma mão na roda* o significado *ser alguém que atrapalha*:

(23)

Estudante: Nunca escutei, mas a imagem que traz, “ter uma mão na roda”, é... a mão não deixa a roda rodar, né, então essa mão atrapalha toda a roda, não deixa a roda ir, mover, então alguém que é “uma mão na roda”, é alguém que atrapalha, que não deixa as coisas fluírem, que basicamente atrapalha tudo. Se a roda não pode dar a volta não serve para nada...

Pesquisador: E essa é a imagem que você tem pelo que está escrito, né?

Estudante: Aham, pelo sentido literal.

(MELLO, 2016, p.12)

Dentro dos pressupostos da MD, seria razoável afirmar que o estudante em questão, mesmo que possa ter aprendido as regras morfossintáticas do PB no que se refere às regras de boa formação morfológica, de inserção Vocabular etc., ainda não adquiriu as regras contextuais na Enciclopédia que especificam que as raízes $\sqrt{\text{MÃO}}$ e $\sqrt{\text{ROD}}$ (para *roda*), quando estão no contexto uma da outra, têm o sentido de “ser alguém prestativo, alguém que ajuda”. Nota-se que a pesquisa de Mello (2015) deixou claro para os participantes que *ser uma mão na roda* era uma expressão idiomática. Sem esta apresentação, é provável que, ao se deparar com *O João é sempre uma mão na roda*, um aprendiz de PB como L2 interprete cada raiz com seu significado canônico, assim como falantes nativos interpretam *O João bateu o carro*, mas não *O João bateu as botas*.

No que se refere às formas temporais fixas deste trabalho, por aprenderem o futuro perifrástico como equivalente ao futuro sintético, aprendizes de PB como L2, de imediato, não compreenderiam as expressões fixas com um significado não composicional especial, mas sua análise seria a de que *dirá*, por ser sinônimo de *vai dizer*, teria um significado não composicional não especial; ou seja, até que as regras contextuais de (19) sejam adquiridas na Enciclopédia, é razoável ter como hipótese que o significado não composicional canônico daquelas raízes, como em (24), vai ser o único disponível.

(24) $\sqrt{\text{DIZ}} \leftrightarrow$ “falar, vocalizar” /[[[__]_v v^o]]

Considerações finais

Neste artigo, buscamos propor uma análise sintática para o que chamamos “formas temporais fixas”. Argumentamos que a morfologia de futuro do presente e PMQP sintéticos não faz mais parte da gramática nuclear dos falantes de PB, tendo sido substituída por sua perífrase. Os resquícios existentes da morfologia sintética estão congelados nas formas retomadas em (25) abaixo.

- (25) a. Se o João não conseguiu o emprego, **que dirá** eu! (i.e. muito menos).
 b. **Será que** a Maria já viajou? (i.e. dúvida).
 c. Tua vida está **ao Deus dará!** Muda de atitude, homem! (i.e. bagunçada).
 d. **Será o Benedito** que não vamos ficar um dia sem brigar? (i.e. incredulidade).
 e. **Quem (me) dera** eu pudesse tirar férias logo. (i.e. desejo de que algo pudesse se realizar).
 f. Eles passaram mal... também **pudera**, exageraram na bebida. (i.e. enfatiza algo já esperado).
 g. **Tomara** que eu consiga chegar cedo hoje. (i.e. desejo de que algo se realize).

Discordando de Fulgêncio (2008), propusemos que não há nada na derivação dos exemplos em (25) que desobedece aos padrões morfossintáticos do PB e, além disso, que não há necessidade de assumir que são expressões armazenadas em bloco. Adotando derivações nos termos da MD e assumindo com Marantz (1996) que a Enciclopédia é a responsável por atribuir significados não composicionais (especiais ou não) para os produtos dessas derivações, demos um tratamento teórico para os dados em (25). Em nossa análise, o fato de termos o congelamento de uma morfologia obsoleta está relacionado ao significado (não composicional) especial das formas temporais fixas, condicionado pelo contexto sintático: $\nu_{\text{MOM}} \leftrightarrow$ “desejo de que algo se realize” / [[___]_v ν° [_{PERF, PASS}]] [CP que...]].

Por fim, apresentamos evidências da aquisição de L1 e L2 para demonstrar a ausência da forma sintética do futuro do presente e do PMQP na gramática nuclear dos falantes e a necessidade de adquirir as entradas enciclopédicas de expressões como as de (25), a fim de interpretá-las não canonicamente de forma adequada.

Referências

- ACQUAVIVA, P. Roots and Lexicality in Distributed Morphology. *York-Essex Morphology Meeting*, no. 5, p. 1–21, 2008. Disponível em: <http://ling.auf.net/lingBuzz/000654>.
- ARAÚJO-ADRIANO, P. Â. Como as crianças brasileiras adquirem a expressão de futuridade: um estudo sintático. *Miguilim - Revista Eletrônica do Netlli*. Crato. v. 8. n. 2. p. 708-727. maio/ago. 2019a.
- ARAÚJO-ADRIANO, P. Â. *Sintaxe e diacronia da expressão de futuridade no PB*. 2019b. 206 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas.
- ARAÚJO-ADRIANO, P. Â. Sobre a perda parcial do movimento do verbo no português brasileiro: a

analiticização do tempo futuro. *Revista Investigações*. Recife. v. 33. n. 2. p. 1-32. 2020a.

ARAÚJO-ADRIANO, P. Â. Conhecimento linguístico do letrado acerca das expressões de futuridade: Forma perifrástica (gramática nuclear/L1) versus forma sintética (gramática periférica/L2). *Letras De Hoje*. Porto Alegre. v. 55. n. 3. p. 300-315. 2020b.

ARAÚJO-ADRIANO, P. Â. Uma proposta formal para a reanálise do verbo ir no português brasileiro: de lexical a funcional. *Working Papers em Linguística* (online). (no prelo).

BASSANI, I. S.; LUNGUINHO, M. V. Revisitando a flexão verbal do português à luz da Morfologia Distribuída: um estudo do presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito do indicativo. *ReVEL*, edição especial n. 5, 2011. [www.revel.inf.br].

BITTENCOURT, R. L. Apagamento de pronomes clíticos de forma reflexiva. In: LOBO, T., and OLIVEIRA, K., orgs. *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. 138-173

CÂMARA JR, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures*. Dordrecht: Foris, 1981.

COAN, M. *Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que-) perfeito*. 1997. f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

COAN, M. *As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. 2003. 233 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

DIAS, L. F. No jogo entre a lingüística textual e a análise do discurso: (em)bates e (de)bates de visões. *Revista Letra Magna*, vol. 4, no. 7, p. 1–20, 2007.

FULGÊNCIO, L. *Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro*. 2008. 489f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

GALVES, C. M. C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

GONÇALVES, A. *O analitismo verbal e a expressão do futuro no português brasileiro: um estudo diacrônico*. 2013. 221 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and pieces of inflection. In: HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay. *The View from Building 20*. Cambridge, MA: MIT Press, pp. 111-176, 1993.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Some key-features of Distributed Morphology. In: CARNIE, Andrew; HARLEY, Heidi. *MIT Working Papers in Linguistics 21: Papers on Phonology and Morphology*. Cambridge, MA: MITWPL, pp. 275-288, 1994.

HARLEY, H. On the identity of roots. *Theoretical Linguistics*, vol. 40, no. 3–4, 2014.

IPPOLITO, M. On the Past Participle Morphology in Italian. Papers on Morphology and Syntax, Cycle One. ARREGI, K; BRUENING, B; KRAUSE, C; LIN, V. (eds.). *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 33, Cambridge, MA, p. 111-137, 1999.

JACKENDOFF, R. 1994. *The Boundaries of the Lexicon*. Brandeis ms.

JACKENDOFF, R. 1994. *Lexical Insertion in a Post-Minimalist Theory of Grammar*. Brandeis ms.

KATO, M.; CYRINO, S.; CORREA, V. Brazilian Portuguese and the recovery of lost clitics through schooling. In: PIRES, Acrísio; ROTHMAN, Jason (eds.). *Minimalist inquiries into child and adult language acquisition: case studies across Portuguese*. Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2009. cap. 10. p. 245-272.

KATO, M. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, Maria Aldina; et al. (orgs.). *Ciências da linguagem: 30 anos de investigação e ensino*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos Universidade do Minho, 2005. p. 131-145.

KATO, M. A gramática nuclear e a língua-l do brasileiro. In: MARTINS, Marco Antonio (org.). *Gramática e Ensino*. Natal: EDUFERN, 2013. v. 1 (Coleção Ciências da Linguagem aplicadas ao ensino). cap. 6. p. 149-164.

LONGO, B.; CAMPOS, O. A auxiliabilidade: perífrases de tempo e aspecto no português falado. In: ABAURRE, Maria Bernadete; RODRIGUES, Ângela (eds.). *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. v. 8. cap. 12. p. 445-477.

MARANTZ, A. *'Cat' as a phrasal idiom: consequences of late insertion in Distributed Morphology*. MS, MIT. 1996.

MARANTZ, A. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. *Penn Working Papers in Linguistics*, v. 4, n. 2, p. 201-225, 1997.

MARTINS, K.; PAIVA, M. C.. V-ra no português: uma análise diacrônica. *Estudos Linguísticos (Revista do GEL)*. São Paulo. v. 42. n. 1. p. 540-552. jan./abr. 2013.

MARTINS, K. A variação entre o pretérito mais-que-perfeito simples e composto em textos jornalísticos. *Diadorim*. Rio de Janeiro. v. 8. p. 15-30. 2011.

MATTOS E SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MCGINNIS, M. On the Systematic Aspect of Idioms. *Linguistic Inquiry* 33. 665-672, 2002.

MEDEIROS, A. B. *Traços morfossintáticos e subespecificação morfológica na gramática do português: um estudo das formas participiais*. 2008. 299 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

NUNES, J. *O famigerado SE: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com SE apassivador e indeterminador*. 1990. 172 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas.

NUNES, J. Triangulismos e a sintaxe do português brasileiro. In: CASTILHO, A. et al. (orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007.

OLIVEIRA, J. M. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. 2006. 254 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

OLTRA-MASSUET, M. I. *On the Notion of Theme Vowel: a new approach to Catalan verbal morphology*. Dissertação de Mestrado. Cambridge, MA: MIT, 1999.

OLTRA-MASSUET, M. I.; ARREGI, K. Stress-by-Structure in Spanish. *Linguistic Inquiry* 36(1): 43–84, 2005.

REINTGES, C.; CYRINO, S. Analyticization and the syntax of the synthetic residue: A

macrocomparative perspective. In: MARTINS, Ana Maria; CARDOSO, Adriana (Orgs.). *Word Order Change*. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2018. cap. 10. p. 179-201.

SANTANA, B. Os futuros do indicativo: por uma análise sintática para a flexão verbal do português brasileiro. *Caderno de Squibs*. Brasília, v. 2, n. 1, p. 43-53, 2016.

SIDDIQI, D. Syntax within the word: economy, allomorphy, and argument selection in Distributed Morphology. [*Linguistik Aktuell/Linguistics Today* 138]. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

TORRES MORAIS, M. A.; BERLINCK, R. O Objeto indireto: argumentos aplicados e preposicionados. In: CYRINO, Sonia e TORRES MORAIS, Maria Aparecida (coords.). *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista* (v. VI). São Paulo: Contexto, 2018. p. 251-307.
